

Modo preferido de apresentação: oral.
Sessão temática pretendida: 2 – Geodiversidade e suas aplicações ao Geoturismo

Elaboração de roteiro geoturístico e didático da Travessia Petrópolis-Teresópolis (Parque Nacional da Serra dos Órgãos, RJ) por meio do aplicativo de navegação Wikiloc®

Fernando Amaro Pessoa¹², Fabio Feler Pacheco², Adriel Filipe Soares Brito², Maria Naíse de Oliveira Peixoto², Kátia Leite Mansur²

¹CEFET/RJ – campus Petrópolis, Rua do Imperador, 971 - Centro, Petrópolis - RJ, fap_rj@hotmail.com; ²Instituto de Geociências, UFRJ, Av. Athos da Silveira Ramos, 274 – Cidade Universitária, Ilha do Fundão – RJ.

Palavras-chave: *Geodiversidade, Unidades de Conservação, Geoturismo, PARNASO.*

Diante da abundância de abordagens relativas à geodiversidade e de sua aproximação com unidades de conservação, o presente trabalho propõe-se a discutir como um amplo conjunto de características geológicas, geomorfológicas, pedológicas, hidrológicas, dentre outras, possibilita contribuir com ações de divulgação das geociências em áreas protegidas. O Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), localizado na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, apesar de apresentar como atrativo principal as fabulosas feições de relevo, possui pouca informação sobre sua geodiversidade sendo transmitida aos visitantes.

Nesse contexto, seu conjunto de montanhas apresenta grande valor estético que possibilita ressaltar outros valores e usos, como o científico, o didático e o turístico da sua geodiversidade, por meio de uma interpretação ambiental em trilhas, contribuindo no cumprimento de seus objetivos de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Assim, o PARNASO vem se destacando pelo seu expressivo potencial de divulgação científica, representado em especial nas suas diversas trilhas – com destaque para a Travessia Petrópolis-Teresópolis – onde têm sido buscados meios de incentivo e melhoria da experiência dos visitantes, levando em consideração sua diversidade natural. A Travessia Petrópolis-Teresópolis é uma trilha que possui aproximadamente 25 km de extensão, com significativa variação de altitude (cerca de 900 metros – portarias das sedes Petrópolis e Teresópolis do PARNASO – até 2.275 metros de altitude na Pedra do Sino, ponto culminante da Serra dos Órgãos), realizada, tradicionalmente, em três dias de caminhada.

Com base nessa abordagem, a história natural do Rio de Janeiro e suas perspectivas físicas, ecológicas e socioambientais formam a base para uma compreensão maior de sua importância, temas que ficam explícitos na Travessia Petrópolis-Teresópolis, a trilha mais visitada do PARNASO e representativa de toda sua geodiversidade e serviços ecossistêmicos associados. Além disso, essa trilha de montanha configura-se como patrimônio geológico ao considerarmos Brilha (2018), patrimônio geomorfológico na abordagem de Reynard (2009) e foco de geoconservação de acordo com a perspectiva apresentada por Gray (2103).

A partir de pesquisas bibliográficas, elaboração de mapas temáticos e levantamentos de campo, foi feita uma proposta de caracterização da sua geodiversidade, a qual abrange: um contexto geológico e tectônico regional que compreende o setor central do Sistema Orogênico Mantiqueira, o qual inclui a unidade tectônica Faixa Ribeira, onde o PARNASO inclui-se em seu Terreno Oriental (Hartwig, 2006), geologia representada na Travessia por ortognaisses e migmatitos do Complexo Rio Negro, granitóides intrusivos do Batólito da Serra dos Órgãos e maciços graníticos pós-tectônicos - Granito

Andorinha; uma geomorfologia caracterizada por duas unidades principais, com base em (Oliveira *et al.*, 2007): as escarpas serranas, observadas da Travessia pelos vales da escarpa de falha e pela escarpa de falha; e o planalto serrano, representado na Travessia pelo vale do Bonfim, planalto do Açú, planalto da Pedra do Sino e planaltos dissecados; uma hidrografia situada no contexto de três bacias hidrográficas: Piabanha, Guapimirim-Macacu e Roncador (INEA,2013); e, em relação aos solos, observa-se a presença de argissolos e cambissolos no vale do Bonfim, e neossolo litólico e cambissolo ao longo das unidades planalto do Açú, planato do Sino e planaltos dissecados. Já a cobertura vegetal presente na travessia expressa a relação com os aspectos da geodiversidade ao apresentar diferenciações conforme a posição no relevo. Quanto à sua fitofisionomia, situa-se no bioma Mata Atlântica e, por conta da expressiva variação altitudinal, é possível observar uma variação de ecossistemas, sendo eles: floresta pluvial montana, floresta pluvial alto-montana e campos de altitude (IBGE, 2012).

A partir dessa caracterização e com o objetivo de implementar estratégias de gestão e divulgação da geodiversidade, foi realizada a elaboração de roteiros geoturísticos e didáticos com o auxílio do aplicativo de navegação *Wikiloc*[®], com a inclusão dos pontos de interesse visitados - com fotos e descrições - e compartilhado com o nome: “GEOROTEIRO Travessia Petrópolis-Teresópolis”, podendo ser acessado a partir do aplicativo pelo público em geral. O aplicativo permite ainda a visualização em planta e em perfil da trilha, assim como baixar todas as informações no *Google Earth*, além de ser facilmente compartilhado a partir de links ou *QR code* e já ser amplamente utilizado por montanhistas. Neste sentido, detalhar, registrar e divulgar aspectos da geodiversidade da Travessia Petrópolis-Teresópolis contribui no destaque da dimensão estética da paisagem, da sua dimensão dinâmica, ao identificar e visualizar processos e mudanças, e também da sua imbricação de escalas, seja espacial ou temporal, o que está relacionado aos serviços ecossistêmicos de conhecimento, culturais, provisão, regulação e suporte.

Sendo o PARNASO detentor do maior número de pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento em uma unidade de conservação no Brasil nos últimos anos, e um dos dez parques nacionais mais visitados do país, a roteirização da Travessia Petrópolis-Teresópolis pode assumir relevância destacada na divulgação da sua geodiversidade, servindo como base para desenvolvimento de estudos e atividades que envolvam gestores, condutores, guias, professores, estudantes e visitantes, tanto nessa quanto em outras trilhas vinculadas a unidades de conservação. Então, é necessário ressaltar uma abordagem mais integrada ligando a geodiversidade, a biodiversidade, a paisagem e as pessoas, aspecto central em que a presente pesquisa pretende contribuir.

Referências

- Brilha J. 2018. Geoheritage: inventories and evaluation. In: Reynard, E; Brilha, José (Eds.). Amsterdam: Elsevier.
- Gray M. 2009. Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature. 2ª Edição. Londres, John Wiley & Sons.
- Hartwig, M.E. 2006. Tectônica rúptil mosozóico-cenozóica na região da Serra dos Órgãos, RJ. São Paulo: Instituto de Geociências Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2012. Manual técnico da vegetação brasileira: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE- Diretoria de Geociências.
- INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE – INEA. 2013. Resolução CERHI-RJ Nº 107. Rio de Janeiro.
- Oliveira S.N.; Carvalho Junior O.A.; Martins E.S.; Silva T.M.; Gomes R.A.T.; Guimarães R.F. 2007 Identificação de Unidade de Paisagem e sua implicação para o ecoturismo no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geomorfologia.
- Reynard E. 2009. Geomorphosites: definition and characteristics. In: Reynard E., Coratza P., Regolini- Bissig G. (Eds.), Geomorphosites. Pfeil Verlag, Mu“nchen, pp. 9_20.